

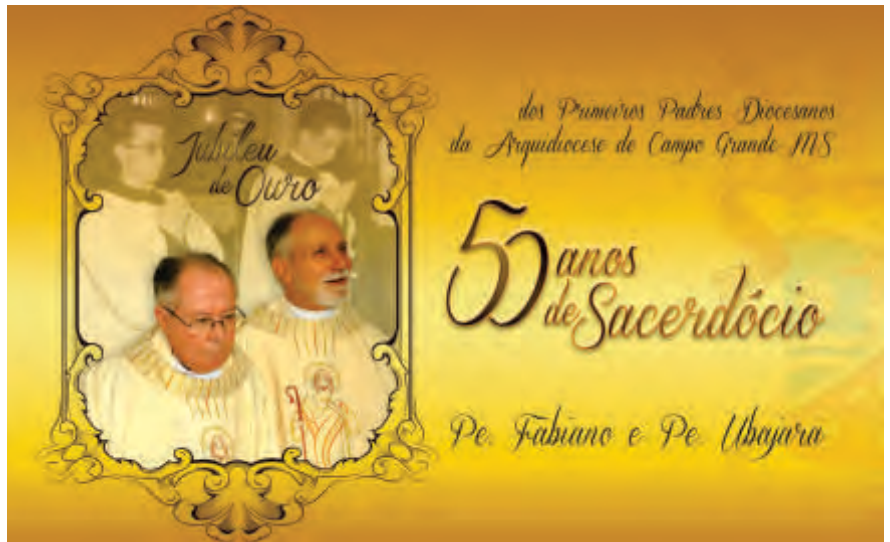


JUBILEU DE OURO DE ORDENAÇÃO PRESBITERAL DOS IBATEANOS:

PE.UBAJARA PAZ FIGUEIREIRO e PE.FABIANO VILLELA FIGUEIREDO

Em 15 de janeiro de 2016, para celebrar os 50 anos de sacerdócio dos dois irmãos padres Fabiano e Ubajara, a Arquidiocese de Campo Grande (MS) se reuniu na Paróquia São José para celebrar a Santa Missa em Ação de Graças.

Os irmãos nascidos em Três Pontas (MG) chegaram a Campo Grande (MS) em março de 1942. Ingressaram no Seminário em março de 1951, onde cursaram o primário e o ginásio até 1956. De 1957 a 1958 estudaram no Seminário Imaculado Coração de Maria da Arquidiocese de São Paulo, cidade de São Roque, nosso Ibaté. O curso de Filosofia foi em Aparecida, de 1959 a 1961 e, de 1962 a 1965, o de Teologia em São Paulo no Seminário Central do Ipiranga, durante o Concílio Vaticano II.



PE.FABIANO VILLELA FIGUEIREDO



PE.UBAJARA PAZ FIGUEIREDO

Após a criação da Diocese de Campo Grande, em 1958, seu bispo, Monsenhor Antonio Barbosa, acompanhou os passos dos pioneiros presbíteros diocesanos. No dia 15 de janeiro de 1966, o bispo conferiu-lhes a Ordenação Presbiteral, a primeira da história de Campo Grande, nessa mesma Igreja de São José. Foi um fato inédito em Campo Grande, que marcou o início das ordenações do clero diocesano daquela Arquidiocese.

Claro que todos os colegas ibateanos congratulam-se com os irmãos Figueiredo por este memorável acontecimento.

AVISO IMPORTANTE

A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.

ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:

ECHUS DO IBATÉ
A/C WILSON MOSCA
RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34
01258-010-SÃO PAULO-SP

CENOGRÁFICA/MENTE

Começando o ano com livro novo:



No dia 5 de abril próximo no SESC CONSOLAÇÃO-TEATRO ANCHIETA, às 20 horas, o colega ibateano **JOSÉ ANCHIETA ALVES DA COSTA** (vide curriculum abaixo) estará lançado o seu mais novo livro "**Cenografica/Mente**", publicação da Editora SESC e distribuição da Editora Martins Fontes.

O desenho da capa foi criado por ele mesmo para a peça "**The Comedy of Errors**" de Shakespeare, dirigida por **Cacá Rosset** e encenada no Delacorte Theater em Nova York em 1992.

O projeto gráfico deste livro, prefaciado pelo não menos importante **J.C.Serroni**, outro conhecidíssimo cenógrafo do país, esteve a cargo de **Rico Lins**, um dos maiores artistas gráficos do Brasil. Outras personalidades de destaque assinam inúmeros textos, as mãos de **José Dias**, professor de cenografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; do admirável **Dr. Danilo Santos de Miranda**, Diretor Regional do SESC; da grande arquiteta e também cenógrafa **Sylvia Moreira** e de **Fausto Viana**, um dos maiores estudiosos sobre figurino teatral.

Nestes dois anos de preparo, **José Anchieta** teve apoio de fantástica equipe do SESC, **Thiago Cordeiro Lins**, **Clívia Ramiro**, **Kátia Veríssimo**, **Elen Durando** que fez a revisão, e da coordenação dos diretores da Editora: **Marcos Lepiscopo** e **Isabel Alexandre**.

José de Anchieta Costa, mais conhecido apenas como **José de Anchieta**, nasceu em Caruaru, Pernambuco, em 23 de fevereiro de 1948. Estudou no Seminário do Ibaté de 1958 a 1962.

Seu olhar para o Seminário é sempre de eterna gratidão. Afirma ter sido a perspicácia do Padre João Bosco Galvão de Camargo quem captou os desígnios de sua vida ao pedir-lhe, no primeiro dia dessa sua verdadeira iniciação, que o auxiliasse na pintura do cenário de uma peça que já estava sendo ensaiada por outros seminaristas. Para sua surpresa, dela acabou participando também como ator: era o filho de um paxá, papel idêntico de mesma peça em que atuou, posteriormente, na antiga TV Cultura. Hoje ele é o maior cenógrafo e figurinista do país, em teatro, cinema, televisão e publicidade, nos dizeres do reconhecido diretor **Cacá Rosset**.

Essas experiências estão encravadas em espírito. E mais uma vez, agora na presente obra, ele faz inúmeras citações, pinçadas de sua própria memória e também da de outro amigo ibateano, **Paulo Toschi**, por sua conhecida e afamada produção, a "**Palavra de Seminarista**".

Iniciou sua trajetória no final dos anos 60. Dirigiu um único filme para o cinema, **Parada 88, o limite do alerta**, um dos raros filmes de ficção científica brasileiro, e do qual foi também roteirista, além de cenógrafo e figurinista.

Como cenógrafo e figurinista, criou cenários e figurinos para diversas montagens do **Teatro do Ornitorrinco**, sempre sob a direção de **Cacá Rosset**, entre elas: "O Doente Imaginário", de Molière (1989); "Sonho de uma Noite de Verão", de William Shakespeare (1991); "A Comédia dos Erros", de William Shakespeare (1994); "O Avaro", de Molière (1998); "O Marido Vai à Caça", de Georges Feydeau (2006); e "A Megera Domada", de William Shakespeare (2008).

Também assina a cenografia e figurinos dos espetáculos: "Em Família", de **Oduvaldo Vianna Filho**, dirigido por **Antunes Filho**; "Bodas de Sangue", de **Federico Garcia Lorca**, dirigido por **Antunes Filho**; a ópera "O Homem que Confundiu Seu Chapéu com a Sua Mulher", de **M. Neimam**; e o musical "José e Seu Manto Technicolor", de **Andrew Loyd Weber**, ambos dirigidos por **Iacov Hillel**.

Prêmios:

- 1971 APCA - Associação Paulista de Críticos - Melhor Figurinista por O Evangelho Segundo Zebedeu
- 1971 Prêmio Padre Anchieta - TV Cultura de São Paulo - Melhor Diretor de Cinema por A Flauta das Vértebras
- 1973 Prêmio Jornal do Brasil - Melhor Diretor de Cinema por Reticências

- 1973 Prêmio Humberto Mauro - Melhor Diretor de Cinema por Reticências
- 1973 Prêmio do Festival de Cinema Científico do Rio de Janeiro - Melhor Diretor de Cinema por Reticências
- 1975 Prêmio Kikito de Ouro - Festival de Gramado - Melhor Diretor de Cinema por Ponto Final
- 1975 Prêmio Governador do Estado - Melhor Cenógrafo e Figurinista de Teatro por Lulu
- 1978 APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte - Melhor Cenógrafo e Figurinista de Cinema por Parada 88 - O Limite de Alerta
- 1986 Festival Internacional de Cinema e TV de New York - Melhor Diretor por Teatrônico
- 1990 APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte - Melhor Figurinista por 'O Doente Imaginário'
- 1992 APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte - Melhor Figurinista por 'Sonho de uma Noite de Verão'
- 1992 Prêmio Mambembe de Teatro - Melhor Figurinista por 'Sonho de uma Noite de Verão'
- 1994 Prêmio Mambembe de Teatro - Melhor Figurinista por 'A Comédia dos Erros'
- 1995 Grand Prix - Triga de Ouro pelo conjunto de trabalhos - quadrienal de cenografia, costumes e arquitetura teatral -

Praga / República Tcheca

- 2012 Femsa Coca-Cola de Teatro Infantil pela cenográfica do espetáculo "Biliri, ou o Pote Vazio" de autor anônimo chinês, dirigido por Ricardo Karman.



CASO EDIFICANTE



José Lui*

AMENDOINS DA VELHINHA

Uma velhinha foi fazer uma viagem a fim de visitar seus parentes numa cidade do interior e sentou-se na primeira fileira bem atrás do motorista.

Depois de ter viajado aproximadamente uma hora, a velhinha se levanta e oferece alguns amendoins para o moço, que aceita e agradece a atenção da velhinha.

Passado algum tempo ela se levanta de novo e oferece mais alguns.

O motorista após ter comido os amendoins pergunta para a velhinha:

-Esses amendoins são muito saborosos, mas porque a senhora não os come também?

-Ah, meu filho, não posso. Veja a minha boca, não tenho mais nenhum dente.

O motorista então faz outra pergunta:

-Então porque a senhora compra?

E a velhinha responde:

-Porque gosto do chocolate que vem em volta deles.

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

Hino oficial do Grêmio Literário Pio XII

Joaquim Benedicto de Oliveira*



Entre as auras serenas e as vistas
Destes montes do infindo altear
Nossas almas de jovens gremistas
Vão rezando e aprendendo a cantar.

Este grêmio é uma escola de arte
E das letras e do bem falar
De Pio XII empunhando o estandarte
Confiantes ansiamos o Altar.

E este canto se torna um poema
Que a paisagem convida a poetar
E nos lembra a poesia suprema
A eloquência infinita a pregar.

Dentre as armas da santa peleja
Como a seta ferindo no ar
A palavra eloquente é que alveja
Corações para Cristo lucrar.

E ditosos gravamos num lema
"Que a eloquência afinal nos sorria"
Dessa fonte de amor tão extrema
Coração maternal de Maria!

São Roque, 21 de maio de 1959

"Litteras discere in sinu Matris" Literatura, Religião e Ensino

O hino, como uma das pioneiras expressões humanas do lirismo, serviu desde sempre ao desejo de exaltar e de enaltecer, sublimando o sentimento religioso, através da emocionada manifestação de louvor, de agradecimento ou de prece. Daí que na Grécia antiga cada deus tinha seu próprio hino. Por necessidade comunitária, o hino se fez acompanhar da música e assim se tornou cântico, já que se adapta a ela a fim de ser melodiado. Como forma literária, o hino originalmente pertence ao terceiro período da Literatura Grega. Precedido pelo período dos poetas primitivos da fase lendária e, posteriormente, pelos poetas épicos, o hino se insere, em seguida, nos gêneros líricos, quando se dá destaque para a ode sacra, enquanto manifestação vocalizada da fé.

Depois do advento do Cristianismo, o hino foi incorporado à liturgia e desembocou na hinologia medieval, nascendo, então, a poesia lírica cristã inspirada nos salmos bíblicos. Passou a ser uma forma de fervoroso e elevado

louvor a Deus calcado na musicalidade expressiva, na fácil memorização e na aproximação às ladainhas.

Em sua fase mais moderna, o hino passou a celebrar ideais cívicos e patrióticos, profanos e religiosos na exaltação de personalidades e entidades diversas, inclusive territoriais.

O Hino Oficial do Grêmio Literário Pio XII, elaborado por alguém afinado com a erudição, é um poema de cunho clássico, bastante formal. Espécie de programa didático proposto a ser seguido como fórmula para a obtenção de um objetivo muito claramente exposto em suas linhas.

Uma breve análise do poema pode nos revelar seu conteúdo significativo e as formas utilizadas por seu autor para enviar sua mensagem a seus destinatários. Assim, em vinte versos absolutamente regulares, todos construídos com nove sílabas poéticas, tem uma composição linguística musical que reforça no texto inteiro o mesmo esquema rítmico, oferecendo a repetida acentuação nas terceiras, sextas e nonas sílabas. Trata-se, então, de um poema de ritmo melódico, determinado pela ocorrência de vozes tônicas culminantes e fechado numa calculada repetição de sons. Está patente a intenção de seu autor para que a letra acompanhe a música composta para dar unidade ao hino.

De outra parte, o texto nos presenteia com diversos elementos para que possamos compreender os intuitos do autor. Começa pela descrição do espaço onde se dá o convite ao leitor/cantor: "montes" de "vistas" e de "auras serenas", lugar de "infindo altear". O local é descrito como território que convida à elevação, já que se caracteriza por ser bucólico, silencioso, excelso e apto a propiciar a reza e o canto sagrados.

Em seguida, apresenta os personagens a quem se destina o convite: são "os jovens gremistas" e também o próprio autor, eis que usa os pronomes "nós" e "nossas", ambos em situação comum de reza e aprendizado do canto. Essa insistência na primeira pessoa do plural até o final caracteriza a função emotiva da linguagem. E isto revela o desejo de o autor desse discurso poético inserir o aprendiz a quem destina o texto em sua natureza, a de quem ensina. Ou seja, a linguagem parece própria de um superior ou professor cujo ponto de vista e cujo trabalho estão ligados à catequese, à missão de quem prepara os futuros sacerdotes. Trata-se de um chamado de quem já está no afã sacerdotal para que seus alunos ou parceiros se unam a ele em pensamento e em conformidade piedosa. Articulação de vozes conferindo uma união de inteligência e sentimento tendo em vista um único ideal.

Confirma esse ponto de vista a definição de Grêmio que vem a seguir: "escola de arte", "das letras e do bem falar". Tempo e lugar de aprender, o Grêmio ensina seus integrantes a ler, a escrever e a falar. Instrui a leitura em seu matiz mais amplo que, sem dúvida, inclui a interpretação do mundo. Incita ao estudo da retórica na produção escrita e na homilia ritual. Além disso, exalta e aponta o padroeiro do

Grêmio, "Pio XII", de quem os alunos devem empunhar o "estandarte", alargando o sentido de patrono para também o de perfeito modelo de ação missionária, de um sacerdote que chegou ao máximo ao se tornar Papa. Guia do futuro padre, Pio XII é escolhido para dar confiança a quem anseia o "Altar", com letra maiúscula porque resumo de todos os ideais e lugar por direito do pregador e supremo anelo dos jovens, entre os quais se coloca o autor, ao usar o verbo "ansiamos", no plural.

A terceira estrofe é belíssimo exemplo de platonismo: este canto é poema que nasce na paisagem que propõe elevação, aqui entendido também como "poetar" perfeitamente. O poema-canto é, assim, representação visível da imagem real da poesia divina, ou seja, "eloquência infinita" e "poesia suprema". Platonismo porque o poema é imitação sublime da pregação divina que é a "paisagem", perene discurso sagrado dirigido ao homem e, de modo especial, ao futuro padre.

Assim como o mundo é púlpito do verbo divino, a retórica, ou seja, a "eloquência" no trato das letras aprendida nas atividades do Grêmio, possibilita a palavra a se tornar a "seta" que "fere no ar" os "corações" referidos como o lucro de Cristo. Coração alvejado por flecha supõe ainda que a atividade de quem prega é a mesma de Cupido: flechar o coração numa conquista que é também ação amorosa. Fica claro o objetivo do autor mais uma vez: propor a atividade missionária como apaixonada catequese, numa idealizada luta que usa antes a eloquência que qualquer outra arma. O único ferimento admissível numa "santa peleja" é o da conquista amorosa em favor de Cristo.

Por fim, o poeta levanta o lema do Grêmio: "Que afinal a eloquência nos sorria", que a palavra aprendida nas aulas do Grêmio nasça no "coração" da mãe de Cristo. Desse modo, tanto o autor como os destinatários desse texto serão "ditosos" ao beberem dessa "fonte" "maternal" de "amor".

Com certeza, o autor tinha a sua frente, sobre a escrivaninha ou guardado na memória, o resumo dos ideais levíticos de seus alunos e já alcançados por ele mesmo: Litteras Discere In Sinu Matris.

A visão interpretativa deste poema-canto encaminha o leitor, distanciado agora daquela realidade de

discente seminarista, para o exame do texto como discurso didático-pedagógico. A Literatura utilizada pelo autor se clarifica sobretudo pela construção do texto dito clássico. Por isso, é pautado por regras precisas com o objetivo de policiar a imaginação, a fim de que esta jamais se torne a "louca da casa", o que poderia, talvez, atrapalhar o ensinamento desejado e desencaminhar, assim, a leitura e o entendimento de seus leitores. Além disso, a procurada e brilhantemente alcançada harmonia do texto denota a preocupação do autor em equilibrar seu tema aos meios de expressão de que dispõe. Desse modo, consegue ainda um verdadeiro concerto entre a obra e seus discípulos e destinatários.

Convém não esquecer que, para o clássico, o objetivo da arte era o de agradar e, para isso, o autor não poupou artifícios da razão, do bom senso e da reflexão, oferecendo uma obra extremamente controlada. É apta ao deleite do leitor pela precisão e concordância entre os dados da sensibilidade e fantasia, exemplarmente dominadas pela razão.

Fica fácil, então, apontar o outro objetivo da arte clássica que era o de ser instrutiva. Não se trata simplesmente da instrução escolar, mas do desejo de ofertar ao leitor e gremista uma indicação prática para a perfeição da vida moral. Exemplo de conduta a ser copiado na vida real. Catecismo a ser decorado e vivido.

Junte-se a tudo isso, finalmente, a erudição a amparar o texto quando escancara um conhecimento amplo, próprio do magistério soberano dos antigos, o que torna o poema uma súplica de informações que vai muito além do prazer estético.

Além de canto, de poema e de comemoração, o texto é um salmo, mistura de poesia, ensinamento e oração. Exemplo de literatura utilitária é, no entanto, compreensível que seus aspectos de composição e de mensagem justifiquem seu uso além da expressão puramente artística. Afinal a arte também pode ser um serviço, assim como a religião. Há que ter esperança de que ambas, arte e religião, estejam sempre a serviço da felicidade do destino humano.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 78 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP
joka.oliveira@uol.com.br

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**EDUQUE AS CRIANÇAS
E NÃO SERÁ PRECISO
PUNIR OS HOMENS.**

PARÓQUIA DAS TROVAS



CARPINTEIRO

Carpinteiro, minha gente,
lembra o bicho, as esquadrias,
São Jose e, de repente,
o folclórico Ananias.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

São José foi carpinteiro
e Jesus o foi também
profissão que o mundo inteiro
respeita como ninguém.

Alfredo Barbieri (49/53)

Carpinteiro, a profissão
santificada que é,
tem, por certo, a proteção
do glorioso São José.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

BOIADEIRO

Saudades tenho da infância,
dos boiadeiros na estrada,
que, ao berrante, a distância
Venciam levando a boiada.

No Brasil, rico e altaneiro
ao servir a pátria amada
vai o ousado boiadeiro
tangendo sua boiada.

Lá bem longe da cidade,
num delírio verdadeiro,
ouço o aboio da saudade
do matuto boiadeiro.

Temas para o
próximo ECHUS:
SOGRA e CUNHADO
Envie-nos você
também a sua trova.

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

O ano em que São Roque se tornou Seminário Central!

José Moreira de Souza*



Foi no ano de 1958 que São Roque viveu grandes novidades. Copa do Mundo! Campeões!

De um lado, passou a receber criancinhas para iniciarem o curso ginásial, obrigando-se o reitor a promover ampla reengenharia em todo o prédio. De um lado o Dormitório dos médios e maiores junto à capela mor; de outro, o dos menores, posicionado no andar superior ao Refeitório. A Capela dos Padres deslocou-se para o subsolo, abaixo do Refeitório e a antiga capela tornou-se "Estudão" dos menores e médios. Manteve-se o antigo Estudão para os maiores, de acordo com as séries cursadas.

Mas, tem o outro lado; o que tornou São Roque um Seminário Central: refiro-me à chegada de alunos que deveriam cursar a quinta e a sexta série -correspondente ao Clássico ou ao Científico de então-, provenientes de diversas dioceses e arquidioceses do estado de São Paulo e até mesmo de outros estados.

De acordo com esses novos levitas, o motivo era o Vestibular ao Seminário Central que passou a contar com duas unidades. O tradicional Seminário Central do Ipiranga, e o novo Seminário Central Filosófico de Aparecida. Dizia-se que, até então, nenhum seminarista de São Roque fora reprovado no Vestibular ao Seminário Central. Portanto, o segredo era concentrar os futuros vestibulandos em São Roque.

Assim, recebemos seminaristas de Santos, de Ribeirão Preto, de Taubaté. Campinas ficou de fora. Mas Petrópolis passou a pertencer ao estado de São Paulo. São Paulo perdeu Campinas - "Você é paulista?" Resposta: "Não, eu sou campineiro!" -, e ganhou Petrópolis. São Roque ganhou também seminaristas do Mato Grosso do Sul, como anteriormente já exibia a gloriosa passagem por nossas terras de **Paulo Roberto Holanda Antero**, procedente de Boca do Acre e que estudara anteriormente em Cochabamba.

Ao **Paulo Antero** devemos atenção à leitura no refeitório de **Um Herói de Quinze Anos**, obra de **Julho Verne**. Paulo leu com competente entonação as peripécias desse herói vividas entre o último capítulo do primeiro volume e o primeiro do segundo. Emocionado, iniciou o capítulo da segunda parte com ênfase: "África!". Nunca aprendi tanto sobre a África ao ouvir a narrativa de **Paulo Antero**.



Paulo Antero

Foram três longos capítulos dedicados à história e a geografia da África. - É claro que Karl May também me ensinou muita coisa mas, a leitura de suas obras não era escolhida para nossa apreciação no refeitório, nesses anos. Foi em 1959, que o padre Bosco destinou o Winnetou para audição, sem o mesmo sucesso -.



Ricardo Paiva

Tínhamos também colegas de Goiás. Excetuado **Ricardo Martins Paiva** que nos acompanhava desde os tempos de Aparecida, contamos com o **Jadilney Figueiredo**, o **Licínio de Paiva (in memorian)**... o **Geraldo Melo** - o Goiano. Parece que havia outros de que não me recordo no momento. **Ricardo** - hoje naturalizado states - era bom de bola e bom de palco. Destaco rapidamente o Melo-goiano. O Goiano formou uma dupla com **Paulo Acácio Martins (in memorian)**. Criaram peças de teatro popular. Coisas para as rodas de recreio. "Vou deixá de trabaia!" é uma delas.



Paulo Acácio

"Vou dexá de trabaiaá, agora vou negociá. Uma vida mais forgada, como essa tô levando, lá pró lado do mercado. Quando o dia vem criando, lá no bairro donde moro, tem um faturão danado.

Boto abóba, mio verde, cambuquira todo lado. Quando chego do comércio chego todo endinheirado. Quando foi sabo passado, levei um susto danado, diabo de fiscar, falô que eu tava murtardo, eu virei e disse pra ele, ersa murta eu num pago, tô vendendo meu franguinho, num tá magrim nem gordim, tô dandele baratim, tô dandele quase dado.

Quando eu falei assim, o danado arrepiô, eu desimbestei numa corrida, a galope sim sinhô.

Quando cheguei em casa cansadim de corrê, a muié perguntô: Uai! Que foi acontecê? Eu virei e disse pra ela, precisa tirá licença, pra eu torna vendê."

Mas para escândalo da consciência delicada de nossos superiores, Melo trouxe das ruas, ou dos circos goianos, um novo "I see more a town" - Viva **Clóvis Baroni (in memorian)** ! -. Cantamos, até a proibição:



Geraldo Melo

"Peguei chaquaiei, guardei. (bis). Peguei mais outra vez e tornei a chaquaiaá.

Depois, fui colocar lá no mesmo lugar. Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai. Ah!"

O reencontro do Paulo com o Goiano, em 2009, foi como despedida. Paulo correu na frente, tomou o microfone que era para as palavras solenes do **Alfredo Barbieri**, chamou depressa o **Geraldo Melo** e ambos recitaram o "Vou deixá de trabaiaá" e recordaram o "Peguei, chaquaiei".

De Petrópolis recebemos o **Roberto Delgado de Carvalho** - sempre presente em nossos encontros bienais -, o **Jorge Hércules**, bom de bola e o **Edmundo Coelho da Cunha (in memorian)**, menino que sabia tudo de trato com

animais peçonhentos.

A turma da "Estrada de Santos" também deixou suas marcas. Presto aqui minha homenagem especial a **José Coelho (in memorian)**. Senti falta dele, em nosso último encontro e vou sentir para sempre!

No ano de 1959, nós veteranos, nos preparamos para acolhida dos novatos. Inventou-se um costume de iniciar o ano com espetáculo teatral divertido. Nada de dramalhões ou de comédias. Pequenos esquetes amadores para adoçar e escamotear saudades. Nesse ano, ensaiou-se até carnaval. Bem religioso, é claro; mas carnaval.

Para minha surpresa o cargo de "Chefe do Palco" me

foi atribuído. Para exibir minha primeira incompetência, redigi uma peça que foi datilografada por **Franco Maziero** com o título de "Foragidos da Civilização". Em interpretação apressada era uma tragédia (?). Retratava um padre - **Décio Pereira** - em meio à corja de bandidos. **José Coelho** era o chefe dos bandidos. Em meio à cena, Coelho foge ao texto e inventa o seu: "Vamos levar esse reverendo para a barriga dos urubus!"

Enfim, a conversão do Seminário Médio Metropolitano "Imaculado Coração de Maria" nesses anos de minha narração tornou São Roque um centro para interpretar o Brasil.

(*) José Moreira de Souza, 74 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. zedeflora@gmail.com

EDSON CRUZ LANÇA NOVO LIVRO

No último dia 29 de janeiro, o nosso colega **EDSON CRUZ (72/73)** realizou o lançamento de sua mais nova antologia poética **O CANTO VERDE DAS MARITACAS**, pela Editora Patuá.

O Ibaté esteve presente, representado por Wilson Mosca e esposa, que prestigiaram mais esse evento envolvendo personalidades do seminário.

Edson Cruz, nasceu em Ilhéus, BA, no dia 12 de janeiro de 1959. É poeta, editor e coordenador de Oficinas Literárias. Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo-USP, estudou Música e Psicologia. Fundador e editor do site de literatura CRONÓPIOS (até meados de 2009) e da revista literária MNEMOZINE. Seu livro anterior de poemas **ILHÉU** (Editora Patuá, 2013) foi semifinalista do Prêmio Portugal Telecom de 2014. Antes, lançou **SORTILÉGIO** (poesia), em 2007, pelo selo Demônio Negro; como organizador, **O QUE É POESIA?**, pela Confraria do Vento/Calibán; em 2010, uma adaptação do épico indiano, **MAHÂBHÂRATA**, pela Paulinas Editora. Em 2011, foi contemplado com Bolsa de Criação da Petrobras Cultural com o livro **SAMBAQUI**, pela Crisálida Editora. É editor do site de Literatura e Adjacências, **MUSA RARA** (www.musara.com.br) e do selo **MUSA RARA**, em parceria com a Terracota Editora. É curador e mediador do ciclo de diálogos **O QUE É A POESIA?**, organizado pela Casa das Rosas. Seu blog: <http://sambaquis.blogspot.com>

Destacamos, nesta edição, do seu mais novo livro, seu poema em homenagem ao Rei Pelé:

REI

A melhor coisa do futebol não é o gol. Nem o gole que você toma antes, durante ou depois.

Não é o seu time com aquele hino sem tino. Nem o meu e suas estrelas sem brilho.



Edson Cruz

A melhor coisa do futebol poderia ser a torcida, seus cantos e urros. Não fossem as organizadas com seus hooligans dando patadas feito burros.

E os jogadores com seus ritos, seus pulinhos e cabelos esquisitos? Só perdem para os juízes e seus horríveis modelitos.

Também não é o goleiro em seu lance rasteiro à procura da redonda, sua eterna Gioconda.

A melhor coisa do futebol é o drible, o olé. É nele que reside o pois é, a *poiésis*, a *techné*.

Melhor que isso tudo só ELE, em caixa alta. Melhor que a perfeição, que a magia do ludo.

O ser talhado em ébano, envolto em glória, gingando pelos gramados de minha memória.

Não ousou dizer seu nome, seu Nascimento, seu pedigree.

Apenas o trago guardado, estampado nos álbuns. Nas coleções que nunca concluí.



Marilda/Edson/Wilson

APONTAMENTOS DE UM PREFEITO DOS MÉDIOS NO SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE EM MEADOS DO SÉCULO XX



Letterio Santoro*

Foi nos idos de 1959, no Seminário de São Roque, no bairro do Ibaté, sob o olhar sempre vigilante do monte Saboó. Jovem tímido de 19 anos, no último ano do ensino médio de então, retornara eu de férias, em companhia dos amigos José Paulo Bruna e Gilberto Cianfloni Lucarts, no dia 24 de julho, antecipando de uma semana a volta da maioria, tão apaixonados éramos pelo silêncio, pelo mato, pelo internato.

Foi quando, não sei por que cargas d'água, resolveram os superiores me nomear prefeito dos médios no segundo semestre de meu último ano de colégio. Não lembro quem no mesmo período foi escolhido para prefeito dos menores e dos maiores. Só recordo que o José Pontes e o José Moreira, companheiros de turma, passaram também por essa interessante experiência de ser prefeito no Seminário do Ibaté.

Experiência de apenas um semestre. Não sei se os companheiros prefeitos guardam daquele tempo mais que recordação; eu guardo apontamentos em páginas de meu Diário da época (agosto a novembro de 1959). No caderno nº 1 dos Ecos de meu Diário, como se lê na capa, abrindo-se no mês de agosto de 1959, a páginas 16, observa-se um apuro maior no texto, como de quem leva a sério o cargo recebido.

Os registros de agosto em diante estão dispostos de maneira diferente que os das páginas anteriores: letra mais caprichada, disposição do escrito mais à direita da margem, apontamentos mais curtos ao longo das oito folhas, ou dezesseis páginas, na verdade pelos dias de agosto a novembro, sobre minha prefeitura. Não há, estranhamente, escrito algum durante o mês de dezembro de 1959.

Talvez por causa do vestibular para o curso de Filosofia a exigir de nós uma concentração maior nos estudos, e também pelas férias que em meados de dezembro hão de ter começado. Acreditando ser entre os vivos da Turma do Ibaté um dos poucos, senão o único, a conservar com zelo tais apontamentos, ousou publicar no Echus do Ibaté esses registros de um prefeito da turma dos médios no segundo semestre de 1959.

O cargo de prefeito era restrito a uma turma, havendo portanto três prefeitos simultaneamente: dos pequenos, dos médios e dos grandes, somando ao todo cerca de 250 alunos no Seminário Menor. Talvez tenha sido a maior turma de todos os tempos. Tenho a impressão pela leitura dos textos que a tarefa maior do prefeito era colaborar para a manutenção da disciplina naquelas três divisões de adolescentes.

Parece, no entanto, pelo que eu soube do companheiro José Moreira, ser possível ir além da disciplina a atuação do prefeito. Ele mesmo trabalhou com um grupo de meninos no campo cultural do teatro. Quando o Moreira me confessou, tantos anos depois, ter realizado essa atividade com a sua turma, fiquei arrepiado com a revelação.

Porque mostra como o prefeito estava integrado perfeitamente com o grupo.

De qualquer maneira essa experiência foi muito importante para mim pelos aspectos positivos e negativos que dela me ficaram. Exercer o poder, ainda que seja num Seminário, não é fácil: atinge-se o objetivo, mas às vezes à custa do sofrimento dos outros. Devo ter ofendido ou agredido a alguém no exercício do cargo. E hoje não tenho dúvida de pedir perdão, passados já 56 anos, a quantos tenha porventura magoado.

Certo do perdão, levo a público o que escrevi em particular naqueles fins de adolescência, quando os superiores iam testando a confiança na gente. Que eu saiba o tema da prefeitura ao longo dos 25 anos de duração do Seminário de São Roque é ainda inexplorado entre os componentes da Turma do Ibaté. Se o mandato era de um semestre, quantos prefeitos poderiam opinar sobre essa experiência.

Será que não restou na memória de tantos colegas nenhuma lembrança boa, nenhum fato curioso a ser contado sobre o exercício desse cargo, onde a gente exercia pequenas responsabilidades na vida da comunidade? Oxalá a publicação desses apontamentos desperte em outros prefeitos de 1949 a 1973, e também nos "subordinados", a vontade de partilhar impressões escritas - de outrora ou de agora!

O primeiro registro do mês de agosto de 1959, escrito a caneta tinteiro cor azul, como era próprio da época, é do dia 10, e é o seguinte: **"O seminarista modelo de disciplina e piedade é uma luz brilhante que atrai as vistas de Deus na imensa treva que encobre o mundo hodierno. Ai do levita que não cumpre seu regulamento! Cedo ou tarde fatalmente deixará o santuário!"** Era o que eu pensava na ocasião.

Do dia 10 ao 14 nota-se o primeiro impacto do cargo de prefeito produzido em mim. São cinco apontamentos a falar do regulamento como manifestação da vontade do Santo Padre, do sr. Cardeal, dos mestres e superiores, isto é, no fundo, da vontade de Deus. No dia 13 de agosto escrevo: **"O seminarista verdadeiro é um missionário do regulamento..."** Tratava-se, portanto, de uma

formação militar.

Em seguida há registros, em quatro dias, de 17 a 29, da relação do prefeito com seus "subordinados". Eis o que redigi no dia 18 de agosto: "**Percebe-se, com os avisos dados, certa melhora por parte de alguns. Vê-se bem que desejam melhorar. Outros, porém, permanecem morbidamente frios à voz que os repreende. Contudo, ficarei firme no meu posto, embora digam ser bravo e perseguidor...**

E encerro assim o apontamento: "**O que quero é receber no fim do ano o elogio de meus mestres: 'você cumpriu o seu dever!'**" Eu esperava o "elogio de meus mestres". E o que eu esperava dos jovens sob minha responsabilidade? Eis o registro: "**Meu Deus, ajudai esta falange de jovens que a mim confiastes! Fazei-a pura como um bando de alvas pombas, alcandorando-se mais e mais às plácidas regiões do céu...**"

(*) Letterio Santoro, 76 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO. Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

Eis como eu continuo: "**Que não seja por incúria minha um destes moços lançados ao vício; antes que por meu esforço todos venham a alcançar o almejado porto, o único anelo de nossa alma: o Sacerdócio!**" Parece haver uma desproporção na mente do prefeito entre o objetivo do cargo (disciplina) e o objetivo dos alunos de atingir o Sacerdócio. Como se o prefeito quisesse valorizar por demais o cargo.

Os registros dos dois últimos dias de agosto tratam do espírito de responsabilidade: "**O espírito de responsabilidade...eis o que falta e o que a todo custo devemos possuir! De fato quantos relaxamentos poderíamos evitar se tivéssemos esta varinha mágica, este bendito condão de fada que ao menor contato com nossas ações as muda e transforma!**" (31 de agosto). (CONTINUA)

Fazer o quê?



Luiz Loureiro*

Eu fui uma criança precoce. Aos 5 anos já estava alfabetizado. Era sempre o menor da turma na escola e sempre o primeiro colocado nos boletins. Naquele tempo, dava-se a esse tipo de gente o epíteto de CDF. Fosse agora, me chamariam de nerd. Se isso era bom por um lado, porque alimentava a minha vaidade - Que menino inteligente! - Nossa, que gênio! - por outro, me deixava de escanteio. Explico: meus colegas, todos mais velhos, praticamente me odiavam, pois eu faturava as medalhas de melhores notas, mesmo sendo dois ou três anos mais jovem que eles. Na adolescência, isso se tornou mais forte e o jeito de eles se vingarem era nunca me escalar para as partidas de futebol, onde as garotas ficavam de olho na gente. Era comum eu sobrar isolado num canto do pátio na hora do recreio.

Na vida de adulto, as coisas pioraram. Como entrei na universidade com 17 anos, aos 20 já estava formado. Com 22 já era gerente da empresa. Nem preciso dizer o que os funcionários mais velhos sentiam por mim. Era boicote de todo lado. Ninguém sentava à minha mesa no almoço e até a mulher do cafezinho me discriminava. Para mim, só copinho de plástico.

Até que tudo mudou. Numa entrevista de contratação para uma vaga de analista de sistemas conheci o Reginaldo, sujeito meio franzino e cujo currículo denunciava ser tão precoce e CDF quanto eu. A empatia foi imediata e contratei o candidato.

Não demorou muito para ele também se tornar objeto de perseguição dos mais antigos. E, assim, nos tornamos amigos, dois baixinhos unidos pela solidariedade no bullying

Certo dia, apareceu na minha mesa um envelope. Tinha um recorte de jornal antigo com a manchete "ANALISTA MATA COLEGA DE TRABALHO". Era sobre o Reginaldo, que havia assassinado um colega e puxara dez anos de cadeia. Segundo a notícia, ele dera um soco na cara do sujeito e o empurrara escada abaixo. O fulano bateu a cabeça e morreu.

Pedi explicações, e Reginaldo disse que a vítima era ele próprio e não o falecido, um desafeto seu, que o perseguia e nutria ódio e inveja porque jamais conseguia bater as metas atingidas por ele. E me contou a sua versão dos fatos: Numa noite, ambos faziam serão. Só estavam os dois na empresa, o desafeto no sexto andar e ele no quinto. O alarme de incêndio tocou. O primeiro desceu a escada correndo e Reginaldo também correu para a escada e, ao abrir a porta de incêndio, bateu com ela na cara do infeliz, que se desequilibrou, rolou escada abaixo e kaput. Como não havia testemunhas, Reginaldo foi condenado por homicídio, já que houve vários depoimentos sobre a rixa dos dois.

Ouvida a versão do Reginaldo, relaxei e fiquei solidário com ele. Só que, novamente, um envelope foi colocado na minha mesa. Era uma fita de vídeo com as imagens do Reginaldo socando a cara do desafeto e o empurrando escada abaixo.

Aimeudeus! Meu mais recente amigo (na verdade único) é um assassino. O que faço agora?

Já sei. Vou montar um esquema de tocaia pra dar um jeito no filho da puta do dedo-duro que quer ferrar o meu Reginaldo.

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 66 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com



Recebi do nosso colega e amigo Wilson Mosca, comandante da Turma do Ibaté, solicitação de um artigo, para ser publicado no Echus do Ibaté. Confesso que ando com pouca inspiração, ultimamente. Quando tal acontece, fico imaginando como deve ser tormentosa a vida dos que respondem por uma coluna, em um jornal ou revista, se tiverem a obrigação de, diariamente ou em data certa, enviar matéria nova. Se eu, que não me comparo a esses profissionais, limitando-me a redigir alguma coisa ocasionalmente, se me dá vontade ou sou solicitado, fico aflito, quando me vejo na obrigação de produzir algum escrito e constato que não estou inspirado, como deve ser angustiante ter que escrever necessariamente, para ganhar o pão nosso de cada dia, chova ou faça sol, esteja o escrevinhador com largo sorriso ou com alucinante dor de dente, mesmo que tenha mil preocupações, mesmo que surjam problemas pessoais ou familiares, de saúde, financeiros ou de qualquer outra ordem, mesmo que algo inesperado e doloroso esteja lhe acontecendo, com ele ou com seus familiares. O colunista que faz disto sua profissão tem que dar conta do recado, independentemente do seu estado de humor ou de concentração. Mas, no meu caso, não é nada assim. Nem é tão importante que eu escreva ou não, pois vários outros colegas sempre têm coisa muito boa para narrar e, até, bem melhor do que eu.

Acredito que esta minha falta de assunto seja fruto e influência da época que estamos vivendo. Há menos de um mês, pessoas escreviam nas colunas dos grupos de relacionamento da internet que 2015, um péssimo ano para a maioria dos brasileiros, finalmente estava chegando ao fim e que, com muita esperança e otimismo, aguardavam o ano novo que estava para nascer. Tudo leva a crer que estes anseios não serão realizados, a se constatar pelos maus agouros que janeiro nos está proporcionando. Os preços de tudo já foram afetados pela espiral inflacionária que tende a se agravar. Os jornais da TV, quando não estão falando de crimes (de bandidos ou de políticos em quem o povo confiou) e de catástrofes, martelam informações angustiantes sobre custo de vida, carestia, desemprego, aumentos de impostos, cortes nas regalias antes existentes, enfim, sobra muito pouco para não ser incendiado pela crise que vivemos. Será que terminaremos o ano com os mesmos dirigentes na esfera federal, na estadual e na municipal? Será que o

congresso, as câmaras e as assembleias estarão funcionando? O espantinho de 1964 nos assusta, principalmente porque, para alguns, desponta como solução. Quem viveu o Brasil das últimas décadas, de 1950 até 1990, tem por que se preocupar.

Notícia boa somente a de que São Pedro, o dono das chuvas, conseguiu canalizar para as represas dos povos do sudeste brasileiro um inesperado volume hídrico, minorando a catástrofe ambiental que se mostrava ameaçadora, durante todo o ano de 2015.

Mas, o pior é que as pessoas, primeiro os jovens, desavisados do que poderá acontecer, depois os idosos, esquecidos do que já ocorreu, trocaram a realidade pelo Facebook, onde curtem, colam e copiam, compartilham, comentam e se deliciam com um grande amontoado de inutilidades, vídeos, fotos, fofocas e, até, pregações políticas. Há um desejo compulsivo de fuga da realidade. Alice no País das Maravilhas tornou-se melhor que as tristezas do dia-a-dia. Muitos, nessas páginas, recorrem a Deus e à fé, postando (o neologismo mais praticado ultimamente) rezas, santinhos, etc. Só não entendi, até agora, porque pedem para o leitor, se tiver gostado, copiar e colar, em vez de compartilhar. Eu não escapo desse mundo de ilusão, embora me negue a participar de jogos e de compartilhamentos induzidos. Escrevo, em nosso grupo de ibateanos e em outras páginas, muita coisa; comento, aprovo e critico. Às vezes, publico algo útil, outras, só o fútil. Isto não me faz melhor nem pior que todos os meus "amigos" (denominação feicebuquiana).

Pensando bem, esse meu aparente enchimento de linguíça tem sua razão de ser: é de se pensar, não é? Será que as pessoas desanimaram? Será que seremos vencidos pelo desamorçoo? Não importa se somos jovens ou velhos. O Brasil é nosso. Se nós dele não cuidarmos, quem o fará? Se uma enxurrada invade sua casa, basta cruzar os braços ou chorar? Ou é preciso arregaçar as mangas e as barras das calças e pegar um rodo e uma vassoura? Então. Vamos fazer a mesma coisa com a nossa cidade, com o nosso estado, com o nosso país. Vamos varrer o que tem de ser varrido.

Vamos puxar com o rodo o que tem de ser alijado. Que Brasil queremos deixar para nossos netos, cujos retratinhos, com tanto orgulho, publicamos no Facebook?

(*) Paulo Francisco Toschi, 78 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro "PALAVRA DE SEMINARISTA" paulofranciscotoschi@yahoo.com

NA CASA DO PAI

• Faleceu em 13 de setembro de 2015 o SR. ORESTE BERTACHINI aos 99 anos de idade. Bertachini estudou no Seminário de Pirapora de 1922 a 1936 e, era assíduo frequentador dos nossos encontros em São Roque. Recebemos de sua filha Marilene a seguinte correspondência:

"Amigos e ex-alunos, venho com pesar notificar a morte do meu pai Sr. Oreste Bertachini que faleceu no dia 13 de setembro de 2015. Vivendo quase cem anos e tentando passar todos os ensinamentos de fé, de honestidade e de união obtidos no seminário de Pirapora que frequentou de 1922 a 1936. Recebemos o ECHUS DO IBATÉ, última edição com "Última chamada" para o 11º encontro de ex-alunos, e o Sr. Oreste alegremente se prontificou em ir a este encontro, com todo o entusiasmo que já lhe era peculiar, e que nesta época já estava debilitado. Infelizmente não pode ir. Só nos resta agradecer a todos pelos encontros maravilhosos que participamos e ficamos com saudade. Sem mais, fica a minha eterna gratidão. Marilene Bertachini Perin".



• Faleceu no dia 21.01.2016, aos 59 anos, no colega EDUARDO OLIVEIRA DA SILVA (70/72). Ele é irmão do também colega ROBERTO OLIVEIRA DA SILVA-MINDUIM (70/73). Eduardo sofreu um acidente em 31.12.2015, ficou hospitalizado e não suportou a cirurgia.

A equipe do ECHUS e todos os ibateanos desejam aos familiares as mais sinceras condolências.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Sidney José Barone, Pe. (59) - Prezado Mosca, muito obrigado por seu trabalho abnegado durante estes anos todos no sentido de unir os colegas. Deus o abençoe nessa importantíssima e custosa empreitada! Um grande abraço carregado de bons desejos neste natal e para o novo ano! São Paulo-SP 23.12.2015 padrebarone@gmail.com

De Francisco Cordão-Seminário do Ipiranga - Caríssimo Wilson, adorei o Conto de Natal do Luiz Loureiro. A todos e Todas, um Santo e Feliz Natal e Ano Novo. Abraço. São Paulo-SP 23.12.2015 facordao@uol.com.br

De José Luiz Brant de Carvalho (51/56) - Desejo a todos muita, muita força Natal e Ano Novo! Deus se fez criança! Papai Noel, também.

Força

Andava na calçada ao redor da casa.
De repente, vejo uma criança,
Sentada na calçada,
Pensando na vida.
Lembrei-me
Da minha casa,
Da minha infância.
Pensar na vida era, antes de tudo,
Pensar na força da vida.
Íamos nos tornar gente grande.
Agora, na velhice, continuamos
Pensando na força da vida das crianças
Que brincam na calçada
Ao nosso redor.
Agora, na velhice,
Adormecemos sorrindo,

Encantados com a força da vida.

São Paulo-SP, 24.12.2015. jbrantdecarvalho@bol.com.br

De Joel Hirenaldo Barbieri (51/58) - Agradeço e retribuo os votos de santo Natal.

Auguro, neste Natal,
Paz, amor, fraternidade,
saúde em especial
e muita felicidade.

Taubaté-SP, 24.12.2015. joel.hirenaldo@terra.com.br

De Rubens Heitzmann (44/48)-Seminário de Pirapora - Quero, com imensa satisfação, retribuir o votos enviados, desejando-lhe e a seus diletos familiares, um FELIZ e SANTO NATAL. Que o Aniversariante, por muitos, no dia a Ele dedicado, se esquecem, entregando-se tão só, as compras (de certo modo necessário, porém com limites), traga-lhes muita paz, saúde e harmonia. E que no ano novo, tão próximo de nós, o pessimismo de uma nação toda, a exceção dos políticos, por todos conhecidos como Corruptos, ladrões, enganadores de seus eleitores, não se concretize, que ele lhes seja PRÓSPERO, ALEGRE e NÃO FALTE A NINGUEM TRABALHO e SUCESSOS EM TODO O PERÍODO. São Paulo-SP, 24.12.2015. heitzmannadv@gmail.com

Recebemos e agradecemos votos de Feliz Natal e Próspero Ano Novo dos colegas: ARNALDO MAIA, RICARDO PAIVA, ROBERTO LUI, JOSÉ JORGE PERALTA, SIGMAR MALVEZZI, MONS.SERGIO CONRADO, LUIZ MONTEIRO, JUAN JURADO, ÁLVARO MEDEIROS, JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO, ASDRUBAL BARUFFALDI, LETTERIO SANTORO, TOMAZ DE AGUINO TOLEDO, ANTONIO CARLOS ZAPPAROLI, EDSON DEPÓLITO...

Photantiqua

Foto enviada pelo colega **ROVIRSO APARECIDO BOLDO (64/69)**. Ela mostra os formandos do colegial no ano de 1970 no Seminário Nossa Senhora da Penha. Nela estão quatro colegas do Ibaté, turma de 1964/1969.

1ª fila superior: no centro (Rovirso Aparecido Boldo); o último à direita (Domingos Sávio Amstalden).

2ª fila: o primeiro à esquerda (Luiz Roberto Soares-Araçá); no centro (Pe. João Bosco Galvão de Camargo, Reitor na época).

3ª fila: o primeiro à esquerda (Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre-Trovão).

Os demais vieram de outros seminários.



Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre



Rovirso Aparecido Boldo



Domingos Sávio Amstalden



Luiz Roberto Soares

IBATÉ NA SÃO SILVESTRE

Repetindo os feitos de anos anteriores, mais uma vez, nosso colega **ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO (67/68)**, o nosso Sherlock Holmes, participou da **91ª CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE**, tradicional prova paulistana realizada no último dia 31 de dezembro de 2015.

Nosso colega alcançou a 4460ª posição entre os mais de 30.000 inscritos e, na sua faixa de idade, 60 a 64 anos, alcançou a 196ª posição, percorrendo os 15 km em (tempo corrigido) de 1:29:57 hora.

Desempenho do nosso colega nas últimas 5 edições da SÃO SILVESTRE:

2011, 6700ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 398ª posição, tempo: 1:29:05 hora

2012, 7795ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 493ª posição, tempo: 1:35:01 hora

2013, 10077ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 652ª posição, tempo: 1:39:04 hora

2014, 6620ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 290ª posição, tempo: 1:34:19 hora

2015, 4460ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 196ª posição, tempo: 1:29:50 hora

Como observamos, houve uma melhora acentuada, tanto na classificação geral, bem como, dentro da faixa etária.

Parabéns, mais uma vez ao **SIMÕES** que com sua felicidade e entusiasmo nos proporciona muitas alegrias.

Neste final de 2016, com certeza, ele estará lá, mais uma vez, representando nosso Ibaté.



FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.01.2016	
POSIÇÃO EM 30.11.2015	11.751,20
ENTRADAS	
Contribuições e doações	210,00
Juros	134,36
TOTAL ENTRADAS	344,36
SAÍDAS	
Diagramação Echus 140	480,00
Despesas Bancárias	42,75
TOTAL SAÍDAS	522,75
SALDO ATUAL 31.01.2016	11.572,81
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.12.2015 a 31.01.2016, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Paulo Francisco Toschi, José Moreira de Souza, Letterio Santoro e Luiz Loureiro.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C

Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
- Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdoibate/>

Diagramação:

Conexão Propaganda (11) 4063-9081

